

A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE INFLUENCE OF STORYTELLING IN CHILD EDUCATION

Inglide Graciele de Faria¹

Sebastiana de Lourdes Lopes Flaviano²

Maria Severina Batista Guimarães³

Wender Faleiro⁵

RESUMO: Este estudo objetivou analisar a contribuição da contação de histórias para a Educação Infantil, versando sobre o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos e sua relação direta com a arte e a cultura da comunicação oral haja vista essa encantar, despertar emoções, aguçar a sensibilidade, estimular a imaginação e trabalhar o corpo e a mente sincronicamente. Pretende também ampliar as informações acerca do papel do professor mediador do conhecimento, incluindo a forma de como pode utilizar a contação de histórias em sua prática pedagógica de maneira significativa. Contar e encantar não são tarefas simples, mas complexas que exigem habilidades, técnicas, disposição e qualificação do professor contador de histórias para alcançar os objetivos da narrativa oral - que é de ampliar o vocabulário e o mundo das ideias na mesma medida em que atrai a atenção da criança, pois é uma atividade lúdica, pedagógica e interdisciplinar que amplia as possibilidades de ver e compreender o mundo e a si mesmo. Assim, as reflexões apresentadas nos convidam a pensar numa educação mais humana e significativa, pautada nas vivências, nas aprendizagens e nas experiências estéticas vinculadas à enunciação oral.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Oralidade. Educação Infantil.

ABSTRACT: *This study aimed to analyze the contribution of storytelling to Child Education, focusing on the integral development of the child from 0 to 5 years old and its direct relation with the art and the culture of oral communication because it enchant, arouses emotions, touches sensitivity, stimulates the imagination and works the body and the mind synchronously. It also intends to extend information about the role of the knowledge mediator teacher, including how to use storytelling in pedagogical practice. Counting and enchanting are not simple but complex tasks that require the skills, techniques, disposition, and qualifications of the teacher who is a storyteller to achieve the goals of the oral narrative. The oral narrative can expand the vocabulary and the world of ideas, attract the attention of the child, as it is a playful, pedagogical and interdisciplinary activity that extends the possibilities of seeing and understanding the world and itself. Thus, the reflections presented invite us to think of a more humane and meaningful education, based on experiences, learning and aesthetic experiences linked to oral enunciation.*

KEYWORDS: Reading. Orality. Child education.

¹ Especialista em Educação, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), São Luís de Montes Belos, Goiás. E-mail: inglidgegraciele@yahoo.com.br

² Mestra em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão, Goiás, Brasil. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Pires do Rio, Goiás Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores – GEPEEC. E-mail: sebastianaflaviano@yahoo.com.br

³ Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), São Luís de Montes Belos, Goiás. E-mail: maria.guimaraes@ueg.br

⁵ Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão, Goiás, Brasil. Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores – GEPEEC. E-mail: wender.faleiro@gmail.com

Introdução

A contação de histórias é uma prática essencial para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que desde pequena sente a necessidade de vivenciar seus sonhos, suas fantasias e seus encantos por meio da arte. É na infância que se constroem as primeiras experiências de vida que subsidiarão a formação do caráter, da personalidade e da consciência. Nesse sentido, a criança deve ser inserida em uma cultura que estimule o pensar, o sentir, o expressar e o experienciar, fatores que são componentes da contação de histórias e que despertam a sensibilidade, a emoção e o autoconhecimento, na mesma medida em que a ensina, instrui e a prepara para a vida.

Assim, o presente estudo, mesmo que apresente limites, tem por objetivo ampliar as informações acerca da contribuição da contação de histórias para educação infantil, buscando repostas para as seguintes indagações: Como a arte da contação de história influencia no desenvolvimento infantil? Como utilizar a literatura como recurso pedagógico? Qual a forma ideal de contar histórias? Como deve ser a prática do professor mediador que desenvolve seu trabalho em consonância com a formação integral do sujeito?

No intento de responder a essas perguntas optamos por uma pesquisa qualitativa de cunho teórico-empírica, dividida em três eixos norteadores: A evolução da arte de contar histórias no decorrer dos tempos; a relevância da contação de histórias para o processo de ensino-aprendizagem na educação infantil; e contação de história e Literatura infantil no desenvolvimento da leitura e escrita.

A Evolução da Arte de Contar Histórias no Decorrer dos Tempos

A contação de história é uma prática antiga que surgiu muito antes da escrita, quando as pessoas utilizavam da oralidade para narrar acontecimentos à comunidade, transmitindo assim ensinamentos, valores, costumes, mitos e crenças de geração a geração, também usavam desta prática para o entretenimento, diversão e lazer. Nesse sentido, as informações foram sendo disseminadas inicialmente pela “memória viva” onde a relação entre o dizer e o ouvir se fazia interdependentes em um estado de entrega, intensidade, admiração e conquista desafiando o processar do tempo. “O homem descobriu que a história além de

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

entreter, causava admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contar de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam” (BERNARDINO, SOUZA, 2011).

Com o surgimento e evolução dos sistemas de escrita, a contação de história, que antes era vista como prática superior, foi perdendo espaço em virtude da separação entre a cultura erudita/instruída e a popular/leiga, visto que reunir grupos ao redor de fogueiras para ouvir lendas, contos e histórias reais ou inventadas se tornou algo simplório e de pouco valor intelectual (passatempo), por também não ter relação direta com ganhos monetários, a ponto de ser considerada ação inferior.

Assim entendido, antes da escrita, os saberes da humanidade eram transmitidos por meio da oralidade e, à medida que o falar tornou-se insuficiente para expressar e manifestar a cultura de uma sociedade, o homem começou a pensar em materiais palpáveis que organizassem o conhecimento adquirido, isto é, a escrita. Dessa forma, a oralidade materializou-se trazendo consigo a necessidade da leitura em um determinado suporte, decorrendo que as histórias foram narradas a partir de um texto escrito, causando impacto positivo entre os ouvintes, posto que a qualidade dos escritos era melhor elaborada e a multiplicidade dos textos tornou-se mais socializada (SCHERMACK, 2012, p. 01).

Com o reconhecimento do valor eminente das artes em geral (fonte indispensável para formação humana), como veremos a seguir, a contação de história volta a ganhar certo espaço na sociedade (agora letrada), exemplo nas instituições educativas, como é o caso do Brasil, avançando lentamente por todas as modalidades, isto é, desde a educação infantil até o ensino superior, marcando assim um período de estudos e reflexões sobre este tema tão importante e necessário para a sociedade.

Legislação Brasileira Sobre o Advento das Artes no Currículo Escolar

O ensino da arte, conforme contemplamos hoje, foi fruto de grandes processos históricos e culturais que se adaptaram ao longo do tempo dando origem aos ideais e convicções que compõem a sociedade atual. Inicialmente a educação artística brasileira (datada por volta de 1816 com a instauração da Escola Nacional de Belas-Artes) mantinha um caráter reprodutivo dos padrões europeus, a elite privilegiada era a única classe que se beneficiava destes segmentos, visto que, outras manifestações artísticas que fugiam ao

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

enquadramento dos modelos de referência eram desprezadas. Com uma gradual evolução das ideologias, o ensino da arte passa a ser desenvolvido nas escolas tradicionais, pautadas no autoritarismo e domínio de técnicas, como o desenho geométrico, que tinha como perspectiva a formação disciplinar para a vida profissional. Após o ano de 1950, a arte recebe influências da Escola Nova, prezando nesta instância apenas a espontaneidade e a criatividade dos alunos, fato que gerou certo “deixa-fazer”, em que o processo se sobrepôs ao resultado final. Com a promulgação da Lei nº 5.692 de 1971 o ensino artístico se torna propriamente componente curricular, mas se desdobrando basicamente em decorações da escola, adorno de datas cívicas e atividades descontextualizadas. Somente com a publicação da LDB 9.394/96 seguida pelos PCNs e DCNEI que a arte se eleva à condição de linguagem significativa, equiparando-se agora com as demais disciplinas, mediante seu caráter de saber indispensável que articula as práticas de produção, fruição e reflexão.

A arte pode apresentar diferentes funções em cada sociedade. Ela pode contar histórias, educar, provocar reflexão; pode representar a realidade, ou criticá-la; ser manifestação dos sentimentos do artista, do sonho, imaginação ou fervor religioso; e pode também não ter função alguma, bastando-se por si mesma. Quando entra em contato com o público, pode também gerar interpretações muito diferentes das pretendidas pelo artista. Mas pode-se dizer que, de forma geral, as manifestações artísticas possuem em comum seu caráter estético (BOZZANO; FREIDA, 2013, p. 11).

De acordo com a abordagem acima, entende-se por arte uma manifestação subjetiva estritamente humana de expressar pensamentos, emoções, comportamentos, historicidade e valores atingindo também a estética, a comunicação e as linguagens múltiplas como a contação de história, a dança, o teatro, a música, a escrita, a escultura, a arquitetura, dentre outros. Assim sendo, o ensino da arte concebido como Patrimônio Cultural da Humanidade deve ser valorizado e estimulado desde a base infantil quando se iniciam as primeiras descobertas, curiosidades, interesses, habilidades e progressos em geral concernentes à formação integral do sujeito.

Tradição, Cultura e Ideologias Mantidas Através da Contação de Histórias

A arte da palavra, no sentido de atingir oralmente o maior número de pessoas, está presente em todas as culturas atingindo a essência humana em saber dialogar, transmitir

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

saberes, conhecer e explorar o mundo. Muitas tradições foram mantidas por meio da contação de história, como por exemplo, certas lendas que dentre as inúmeras interpretações acerca de sua finalidade originária, acredita-se que algumas tinham o objetivo de proteger as crianças dos perigos da mata (animais peçonhentos, animais selvagens, rios perigosos, queda em buracos, caminho duvidoso) impedindo-as de se afastar muito de sua casa, principalmente à noite, devido ao medo dos seres surreais apresentados nas histórias, como por exemplo, chupa-cabra, lobisomem e pai do mato. “Nas lendas encontramos ensinamentos humanos mais valiosos do que os passados pela rigidez cronológica do estudo histórico e mesmo que deformada pela imaginação popular, tem personagens bem definidas e fundamenta-se em factos históricos” (FONTES, 2013, p. 26).

Algumas lendas serviam também para condenar atitudes de desobediência infantil, birra, teimosia, xingamento e malcriação, em que a indisciplina, segundo os preceitos dos adultos, era condição para a aparição dos monstros, bicho-papão, cuca, assombração e fantasmas, nestes casos a lenda assume uma função “educativa” em que o medo é o principal método de intervenção, misturando assim sentimentos de emoção, curiosidade, mistério e receio.

Partindo da analogia que se você, ouvinte, não praticar os atos que são narrados, não irá motivar que algo estranho aconteça na sua vida. Velha máxima: para toda ação há uma reação. Se for uma ação ruim, a resposta pode vir na figura de um monstro [...] o medo, o terror e a própria ambiguidade são estratégias narrativas que a partir do gênero fantástico podem ser usadas para refletir sobre a moral, sobre o que é certo ou errado. Juntamente com esses elementos pode haver a transmissão de valores morais [...] a contação de histórias é uma atividade importante, pois nos enredos apresentados pode conter alguns dilemas que podem levar a criança a refletir sobre os seus. A partir de uma realidade hipotética, o ouvinte infantil consegue abstrair com mais facilidade sobre o certo e o errado, e suas consequências (CARVALHO; JUNIOR, 2016. p. 10-12).

A contação de história como recurso de transmissão de valores tanto para adultos quanto para crianças também avançou no seguimento das doutrinas religiosas, conforme defende Bernardino e Souza (2011), envolvendo o sagrado, o profano, os feitos dos deuses, as figuras místicas e os mitos. A religiosidade cristã, por exemplo, tem se pautado fortemente na pregação da palavra, onde os escritos bíblicos, as parábolas e as histórias consagradas ao longo do tempo têm ligação direta com o dizer, interpretar, aconselhar, persuadir e aludir.

No tocante a contação de histórias relacionadas à cultura de um povo, outro ponto

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

determinante é a difusão de ideologias, isto é, o conjunto de ideias vistas como “verdadeiras”, que são repassadas e reformuladas ao longo do tempo por meio de discursos sociais, políticos, filosóficos, religiosos, educacionais. “A escola tem uma grande responsabilidade neste processo, o sistema educativo deve ajudar quem cresce em determinada cultura a se identificar, a partir das narrativas é possível construir uma identidade e encontrar-se dentro da própria cultura”. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 241).

O próprio reconhecimento da infância foi sendo transfigurado por meio de novas concepções de criança, como se observa ao longo do tempo onde a cultura evoluiu. A história social da criança e da família, segundo Ariès (1981), tomou diferentes caminhos em cada período histórico, inicialmente não existia o sentimento de infância, a criança era considerada adulto em miniatura (adultocentro), ser ingênuo e incompleto que estava em processo para tornar-se alguém, a família, por sua vez, era pautada em uma realidade mais moral/social e menos sentimental. Com o tempo, essa visão foi sendo gradativamente modificada. Atualmente há uma nova concepção de infância bem evoluída (reconhecimento da particularidade e consciência sobre o universo infantil), isto é, crianças, sujeitos de direitos que são preparadas para tornarem-se futuros cidadãos dignos e responsáveis, capazes de transformar o mundo a sua volta.

A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época [...] a criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. (BRASIL, 1998, p. 21).

Hoje a infância é resguardada por diversos aparatos legais de proteção e garantia do desenvolvimento integral da criança, como, por exemplo, a Constituição Federal de 1988 - artigo 227, o Estatuto da criança e adolescente (8.069/90), a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, dentre outros, que também asseguram o direito a educação básica, iniciada na educação infantil. Nesse mesmo seguimento, a educação infantil não é mais vista como lugar de depósito da criança, possui currículo adequado conforme as propostas pedagógicas dos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil e Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil que incluem a contato direto da criança com a cultura, a arte

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

e a estética, atingido a sensibilidade, a autonomia e a expressividade.

A Relevância da Contação de Histórias Para o Processo de Ensino-Aprendizagem na Educação Infantil

A contação de história na educação infantil contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, despertando encanto, prazer e imaginação, esta prática subsidia a aproximação do real com as fantasias que são fundamentais para o progresso na primeira infância. Mesmo a criança ainda não sabendo ler, ela naturalmente é curiosa, questionadora e esperta, portanto o contato diário com a escuta de histórias promove o gosto pela leitura, pelos livros e pela aprendizagem que vincula o divertimento, ludicidade e estímulo. Sobre essas contribuições, Cardoso (2016) ressalta que:

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador da criança (CARDOSO, 2016, p. 08).

A literatura oral amplia o vocabulário e o mundo das ideias na mesma medida em que atrai a atenção da criança, pois é uma atividade lúdica, pedagógica e interdisciplinar que instrui, estimula o cognitivo, educa a atenção, aviva os sonhos, ampliam as possibilidades de ver e compreender o mundo, assim como de se autoconhecer, construindo sua identidade e personalidade de forma espontânea e livre de repressão.

A arte de contar histórias no meio educativo não tem fins somente de recreação, é uma atividade rica, valiosa e produtiva que, quando bem utilizada, contribui para aprendizagens múltiplas. Portanto, deve ser feita por meio de um planejamento prévio por parte do professor, com objetivos claros e metodologia consistente aliada aos projetos pedagógicos da instituição.

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

Desde contar uma nova história, propor uma técnica diferente de desenho até situações mais elaboradas, como, por exemplo, o desenvolvimento de um projeto, requer um planejamento cuidadoso com um encadeamento de ações que visam a desenvolver aprendizagens. Estas estruturas didáticas contêm estratégias que são organizadas em função das intenções educativas expressas no projeto educativo, constituindo-se em um instrumento para o planejamento do professor (BRASIL, 1998, p. 54-55).

A preparação da aula, segundo Cardoso (2016), também faz toda diferença, isto inclui a escolha da história, do suporte, dos recursos, da forma de apresentação da mesma e também o arranjo do ambiente, por exemplo, lugar aconchegante, com boa ventilação, com poucos ruídos e espaço para livre interação com os ouvintes.

Perfil do Contador de História / Recursos e Metodologias Para Contação de Histórias

Contar e encantar não são tarefa simples, exige habilidade, técnica e disposição para oferecer o melhor do contador de histórias, existem também pessoas que possuem o dom (talento nato), para as quais o esforço para fascinar e prender a atenção do público é menor do que para aqueles que necessitam de capacitação para alcançar o mesmo patamar. Entretanto, são requisitos fundamentais para o desempenho desta atividade a familiaridade com as histórias e a incorporação da mesma. Schermack (2012) tem um olhar muito poético para a contação de história, para ele:

Contar uma história é sempre o ‘revelar de um segredo’. Os ouvintes ingressam na intimidade do narrador, tornando-se depositários dos mistérios e dos saberes que uma história carrega. Não se trata de um saber informativo apenas, mas poético, na base do simbólico, com uma estética que se concretiza na medida em que a performance se desenvolve. Enquanto o contador ordena as informações, através das escolhas linguísticas que realiza, o interesse do ouvinte vai sendo despertado. O que está sendo dito pelo narrador, de forma gradativa, vai aproximando-o da plateia (SCHERMACK, 2012, p. 05-06).

Um contador de história em potencial não é um ser sublime e incomparável em relação aos demais, também não é um ator que decora as falas prontas e depois representa, é uma pessoa comum que traz sua experiência de vida transformando-a em uma arte performática (expressão artística em que o contador é parte da obra, fundindo a vida com a experiência). “Dessa forma, poderíamos dizer que qualquer pessoa que tenha voz, algum

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

poder de memória e uma capacidade de observação, de reflexão, e que seja capaz de tirar lições de vida é um contador de histórias em potencial.” (MATOS; SORSY, 2005, p. 37).

Quando o alvo são as crianças da educação infantil, o professor pode contar com uma gama de recursos lúdico-pedagógicos em sua atuação como contador de história, como por exemplo: caracterizações (fantasias, acessórios, pinturas pelo corpo, trejeitos dos personagens), fantoches, dedoche, palitoche, flanelógrafo, avental (roupão onde as gravuras são fixadas com velcro), livros em papel, imagens, fotografias, livros-brinquedos (*pop-up* ou 3D) e instrumentos musicais.

Nesse sentido, podemos salientar algumas orientações básicas durante o ato do professor contador de histórias: entonação de voz cativante; movimento corporal; materiais de apoio; uso de onomatopeias; provocação de ruídos em momento de suspense; olhar comunicativo; expressões faciais (medo, alegria, indignação, tristeza, raiva, malícia); imitação; repetição de frases marcantes; criatividade quando o momento exigir improvisação; espaço para participação da plateia (pequenas interferências); cantigas pequenas condizentes com a história e interposição entre o som e silêncio, evitando vícios no vocabulário (cacoetes). Tudo feito gradativamente, observando quais destes itens a história comporta (não necessariamente precisa usar todos juntos) de forma que dê sincronia, sem exageros.

Partindo da história contada, o professor mediador da educação infantil pode acrescentar novas propostas à aula estimulando o desenvolvimento integral das crianças, como é o caso de dinâmicas, o reconto da história, manuseio dos suportes utilizados, invenção de novas histórias, autonomia na escolha de novos livros, roda de conversa, desenho, teatrinho, cantigas, modelagem e dobradura. É importante que o contato do professor com a turma seja o mais próximo possível, isto inclui a forma de se aproximar do educando, abaixar para ficar no mesmo nível do olhar, escutar com atenção o que os pequenos têm a dizer, orientar os pais acerca da importância de contar histórias para as crianças no meio familiar, fortalecendo assim os laços da afetividade.

Atualmente as tecnologias de informação e comunicação vêm ganhando grande espaço em todos os segmentos sociais, incluindo também a educação, as crianças deste século “nativos digitais” são expostos a diversos estímulos gráficos, sonoros e visuais que são imensamente atrativos, o que faz com que a contação de história na forma tradicional (contador – figura presencial) sofra influências em virtude do suporte digital que também

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

realiza a função de entreter, informar, cativar e ensinar. Relacionado a este aspecto, podemos citar:

Sabemos que os tempos agora são outros, com computadores de última geração, internet, televisão digital e vários outros recursos tecnológicos. Apesar desses avanços da modernidade, a voz da narrativa presencial não perdeu sua importância, tanto isso é verdade, que cada vez mais os contadores de histórias se fazem presentes em emissoras de rádio e televisão, nas salas de aula, nos leitos de hospitais, nas bibliotecas, nas praças da cidade, nas igrejas e nas ONGs. Pelo contrário, constituem as antessalas para o maravilhoso mundo das letras, incentivando o gosto pela leitura e pela escrita através do estímulo da imaginação dos ouvintes (SCHERMACK, 2012, p. 13-14).

Sabe-se que é impossível não aderir às mudanças culturais do nosso tempo (“Era digital”), entretanto, o que não pode acontecer é deixar que a contação de história perca sua essência e sua função atemporal. O contador tradicional e o moderno não devem disputar o mesmo espaço e sim se complementar em uma troca de referências de tempos diferentes, a renovação se faz necessária para que haja continuidade das práticas, ao invés de serem sufocadas/estagnadas pelo conservadorismo que condena o novo e o diferente.

Contação de História e Literatura Infantil: desenvolvimento da leitura e escrita

Falar de contação de história no âmbito da educação formal é também falar da literatura, uma vez que a consolidação das práticas de alfabetização e letramento se dá no campo linguístico de codificação e decodificação das palavras envolvendo também a leitura de mundo conforme defende Paulo Freire. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989, p. 09).

A literatura derivou-se da contação de história, e por ter uma estrutura concreto-gráfica ganhou maior espaço no cenário educacional, entretanto, seu uso pragmático para fins didáticos de avaliação curricular tem sido questionado em razão do seu verdadeiro sentido, que em linhas gerais se representa como uma manifestação artística cuja matéria prima é a palavra lapidada por arranjos, sincronias e procedimentos estéticos que fundamentam a função poética da linguagem, tendo a função universal de instigar os valores humanos e despertar encanto/deleite, fazendo um resgate da memória original da contação de história,

FARIA, Inglide Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

sendo capaz de canalizar de forma positiva sentimentos intensos, como paixão, medo, perdas, aspirações e desventuras. Praticamente em todos os momentos da nossa vida o ato de contar de histórias, relatar fatos e acontecimentos está presente, pois, parte das experiências e interações sociais é impulsionada pelo desejo e necessidade ser ouvido e compreendido.

O ato de ouvir e contar histórias está, quase sempre, presente nas nossas vidas: desde que nascemos, aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também através daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através dos que os outros nos contam. Todos temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura: do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar (KAERCHER, 2001, p. 83).

Embora a Educação Infantil não tenha a função de alfabetizar a criança, ela é uma etapa fundamental para o desenvolvimento de habilidades ligadas à oralidade, cognição, desenvolvimento psicomotor, criatividade, imaginação, raciocínio, noção espacial, interação, socialização, dentre outras, que serão fundamentais para que o processo de leitura e escrita aconteça posteriormente de forma mais natural e significativa. Bernardino e Souza (2011) corroboram essa ideia dizendo que:

O fracasso escolar no ensino fundamental se refere ao desenvolvimento do gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor está trabalhando a relação do livro com o aluno. A literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas, afastando o aluno do prazer de ler (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 236).

Nesse sentido, se faz necessário iniciar na Educação Infantil a contação de história, explorando todos os recursos que ela comporta, linguagem, escuta atenciosa, fantasia, teatro, música e acesso a livros infantis de qualidade, despertando prazer ao ouvir e ao mesmo tempo preparando a criança para o universo deleitoso da leitura. O contato com os livros na educação infantil exerce muita influência no desenvolvimento da criança na medida em que desperta o gosto pela leitura, amplia os conhecimentos e estimula habilidades ligadas à oralidade e escrita.

FARIA, Inglide Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

A presença da literatura infantil na Educação Infantil introduz a criança na escrita: além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo, a leitura de histórias, contos, fábulas, poemas e cordéis, entre outros, realizada pelo professor, o mediador entre os textos e as crianças, propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como representação da oralidade (BRASIL, 2017, p. 38).

A literatura infantil brasileira conforme concebemos hoje passou por muitas transformações até alcançar o patamar vigente, surgiu no final do século XIX com a mudança de regime monárquico para republicano, onde a sociedade pretendia neste período além de objetivos políticos e econômicos passar a imagem de um país moderno em ascensão no quesito educação. Como não existiam escritores nativos para o público infantil, o que houve inicialmente foram algumas traduções e adaptações de livros estrangeiros para os pequenos leitores, como é o caso dos clássicos de Grimm, Perrault e Andersen, porém, com a influência marcante das obras de Monteiro Lobato a partir do século XX (Sítio do Pica-pau-amarelo), esse cenário veio a se transfigurar positivamente, visto que contagiou outros autores a escrever literaturas infantis, como é o caso de Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Maurício de Souza.

Atualmente podemos contar com um leque de livros infantis de qualidade, por exemplo, as produções de Cecília Meireles, Eva Furnari e Lygia Bojunga, que devem ser levados para o meio infantil como um recurso precioso a ser explorado, onde o professor no papel de mediador faz o uso da dramatização, entonação de voz e das representações para impressionar e cativar seu ouvinte numa troca de sentimentos que se inter cruzam durante a narrativa que, ao ser contada com vivacidade, ganha maior abrangência. As interações que a criança faz com as histórias aguçam a imaginação, revelando suas emoções mais íntimas de forma positiva, pois, canaliza sentimentos confusos (ansiedades e aspirações) auxiliando-a na forma de resolver seus conflitos.

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exerce a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 240).

Seguindo esta perspectiva, surge aqui a seguinte indagação, o que é mais significativo, contar uma história ou ler uma história para determinado público. Embora estas duas linguagens tenham estruturas próprias que as definem, incluindo seus valores e suas diferentes funções na forma de relacionar-se com o mundo, cabe aqui fazer um paralelo significativo entre elas, isto é, narrativa oral e narrativa escrita.

A narrativa oral é mais dinâmica e visível, pois vincula o aqui e o agora, onde o contador e seu público se unificam ao compartilhar de um mesmo sentimento, isto é, o de “estar junto”. As reações do público (admiração, humor, espanto, prazer e indignação) são combustíveis essenciais para o desenvolvimento da atividade, que por ser mais livre, imediata e espontânea permite criar e recriar ilimitadas vezes uma mesma história com elementos novos provenientes da nossa imaginação, bagagem cultural, formação pessoal ou mesmo de acordo com cada momento experienciado, pois parte de indivíduos reais e cenários reais (experiência de unidade) que ultrapassam barreiras por meio do contato visual, atingindo os órgãos dos sentidos onde o ver, ouvir e sentir adquire o sentido de vida em movimento, “Quem conta um conto aumenta um ponto” (Ditado Popular). A arte do contador de história, segundo Matos e Sorsy (2005), envolve improvisação, expressão corporal, entonação de voz, gestualidade, ritmo, interpretação, flexibilidade e interação com seus expectadores, buscando resgatar a tradição oral, cujo som emitido ocupa todos os espaços e envolve sincronicamente o corpo e a mente. Na narrativa oral o som incorpora e unifica, cabendo aqui explicar mais detalhadamente sobre esse aspecto nas colocações de Matos e Sorsy (2005).

Quando a comunicação se dá através da palavra oral, nosso centro de percepção é o auditivo. Uma característica da percepção auditiva é que ela nos proporciona a experiência de unidade. O som nos invade por todos os lados e passa através de nós. Todo o nosso corpo é uma unidade auditiva, porque estamos no centro do campo sonoro. Experimente! Ouça uma música e tente perceber como ela envolve seu corpo inteiro, observe como você e o ambiente se integram numa unidade, porque o som preenche também o ambiente a sua volta. Essa característica é responsável pelo sentimento de ‘estar junto’ de um auditório (MATOS; SORSY, 2005, p. 06-07).

Na narrativa escrita, o centro da percepção passa a ser o visual, o leitor de história “empresta sua voz ao texto”, embora possa brincar com a inflexão vocal não pode fugir da estrutura gráfica das palavras e nem do estilo literário do autor, a viagem pela textualidade escrita não se faz plenamente em conjunto, mas principalmente em modo restrito e singular

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

que suscita a introspecção e reflexão analítica. Nesse sentido, a ênfase maior é em apresentar e apreciar a riqueza da obra, assim como valorizar o suporte (livro - bem cultural que resguarda a literatura), o escritor e a linguagem literária. “No caso da leitura (palavra escrita), o centro da percepção passa a ser o visual. Se o som incorpora e unifica, a visão isola, separa, é o sentido de dissecação. Quando mergulhamos numa leitura, separamo-nos do mundo. Nossa viagem é ‘solitária’”. (MATOS; SORSY, 2005, p. 07).

Assim sendo, compreende-se que o contador de história e o leitor de história exercem papéis diferentes, nessa perspectiva responder ao questionamento anterior se torna mais sugestivo, ambas as práticas são importantes e necessárias, pois implicam situação diferentes de trabalho com a linguagem, nenhuma deve prevalecer sobre a outra, as enunciações orais e escritas devem ser trabalhadas de modo alternativo ou complementar, embora este trabalho científico dê destaque e peso à primeira (oralidade), por ser mais próxima da realidade infantil onde se iniciam as primeiras descobertas, interações, construção de identidade e desenvolvimento de habilidades primordiais.

Psiquismo Infantil e Processo Identificação nos Contos de Fadas Segundo Bruno Bettelheim

Os clássicos da literatura infantil, os contos de fadas, provenientes em sua maioria da Europa, apesar de serem criados inicialmente para o público adulto, foram adaptados e enxugados para as crianças se perpetuando por gerações com seu caráter fascinante e encantador. Isso deve principalmente ao fato de o leitor infantil em processo de formação se identificar com o conto e assim levar para si as conquistas do personagem idealizado que superou desafios, angústias e dificuldades ligadas à emoção, alcançando a plenitude e felicidade.

Os contos de fadas são fundamentais para o desenvolvimento psíquico da criança (principais características: contraste entre o bem e o mal, os valores morais e existenciais imbuídos, o elemento mágico, o fato heroico, as aventuras e a linguagem lúdica, exemplo, “Era uma vez” e “Felizes para Sempre”), Bettelheim (2002) afirma que a fantasia presente nas histórias faz com que a criança se identifique com os personagens e assim compreenda melhor seus sentimentos como amor, raiva, injustiça, medo, solidão, arrependimento, dentre outros. Outro fato que os contos de fadas contribuem é a questão do bem sempre superar o mal, dessa

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

forma a criança passa a compreender que todos independente de sua condição de vida passarão por dificuldades e provações, porém as atitudes corretas levarão a felicidade plena.

Segundo Bettelheim (2002), as histórias com finais felizes, exemplo: Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca e Neve, Os três porquinhos e a Bela Adormecida trazem a ideia e a perspectiva que o futuro reserva momentos melhores, mas para alcançar este estado é necessário atitude, ousadia e espírito entusiasmado.

Os contos de fadas auxiliam a criança a se reconhecer, isto é, a se encontrar superando barreiras do dia-a-dia, assim como problemas mais graves como a perda de um ente querido, pois a realização dos personagens (rei, rainha, príncipe, princesa) passa a representar sua realização.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2002, p. 06).

Além de despertar prazer, os contos de fadas transportam a criança a um mundo mágico onde tudo é possível, um lugar de refúgio mental que lhe resguarda das dificuldades reais do dia-a-dia. Dessa forma, sentimentos inconscientes são aflorados auxiliando na construção da personalidade do indivíduo, visto que esses contos fantásticos agregam valores universais, tais como: verdade, justiça, liberdade, companheirismo e amizade, assim como os temas universais, ciúme, traição, perda, crueldade, esperança e amor. De acordo com Bettelheim (2002),

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade - mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. Estas estórias prometem à criança que, se ela ousar se engajar nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá (p. 23).

Esses contos de fadas, ainda segundo o Bettelheim (2002), passam a ter sentido na vida das crianças quando fazem um diálogo com algum momento ou experiência já vivida,

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

exemplo: dificuldades financeiras, desentendimentos familiares, saudade, fragilidades internas/emocionais, assim como suas possíveis superações. Este desenvolvimento infantil marcado pelo simbolismo da fantasia fornece instrumentos norteadores que subsidiarão formações psíquicas mais complexas, incluindo a passagem de um ciclo de idade para outro, a puberdade, a sexualidade, a autonomia, a maturidade, a tolerância e o senso de justiça social.

Como Escolher Uma História Para o Público Infantil

A educação Infantil, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, é uma etapa muito importante para as crianças, pois com ela se ampliam os conhecimentos, habilidades e aptidões necessárias para a faixa etária que corresponde de 0 a 5 anos, dessa forma, os eixos temáticos que servem de base e orientação para o planejamento diário devem abranger as diversas áreas do conhecimento, sendo elas, linguagem, natureza, sociedade, artes visuais, psicomotricidade, música, desenvolvimento sensorial/emocional e matemática, todos estes campos são igualmente importantes e de certa forma todos também se inter cruzam com a prática riquíssima da contação de história.

Falar de contação de história voltada para o público infantil é um tema instigante, onde o leitor e o ouvinte se transportam por um mundo imaginário de sonhos e encantos, dando espaço também a criatividade, espontaneidade, interação e harmonia. Subestimar a imaginação das crianças, apresentando apenas os clássicos com os finais felizes, é no mínimo arbitrário, mesmo que reconhecendo a importância desta literatura para o desenvolvimento infantil. Desde cedo é necessário apresentar aos pequenos diferentes tipos de histórias aguçando a curiosidade deles, mostrando o mundo através das imagens, expressões, sons e aventuras, partindo de uma escolha de história consciente que considere as peculiaridades de cada agrupamento, isto é, sexo, idade, ambiente familiar, nível intelectual e situação socioeconômica. Matos e Sorsy (2005) corroboram com essa ideia, dizendo que:

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

Para crianças muito pequenas, de 2 a 3 anos, os contos curtos são os ideais, uma vez que a capacidade de concentração ainda não é muito desenvolvida. Além disso, elas se sentem atraídas pelas coisas concretas que descobrem e conhecem no dia-a-dia: pequenas histórias sobre os animaizinhos de estimação, os brinquedos que as rodeiam, os animais da floresta e as coisas de circo, por exemplo. Para crianças da pré-escola, contos acumulativos que estimulem a memorização, conto de animais e também contos simples que ensinem a contar (reconto) são bem interessantes. O apelo à dramatização – que não é o mesmo que teatralização –, à mímica, às onomatopeias e às repetições ritmadas é um bom recurso para contar aos pequenos (MATOS; SORSY, 2005, p. 40-41).

Nesta mesma vertente, Kaercher (2001) também apresenta suas sugestões de como escolher as histórias ideais para cada tipo de turma, isto é, para o berçário, maternal, jardim e pré-escola, primeiramente, deve-se considerar a fase de desenvolvimento em que o grupo se encontra. Em seguida, analisar os conhecimentos prévios que as crianças trazem consigo. E, por último, selecionar as histórias que por algum motivo cativaram, envolveram ou despertaram algum sentimento no próprio educador, visto que é condição-base o mediador gostar e se interessar pelo que está sendo explorado e proposto, fazendo com que a criança também se contagie e torne parte ativa do processo em questão, que utiliza da entonação de voz, do olhar e de recursos diversos para atingir significativamente o público alvo.

A contação de história no meio educacional, conforme vimos anteriormente, passou por grandes mudanças até alcançar o patamar atual, entretanto ainda há muitos desafios a serem superados, como as questões estruturais, culturais e ideológicas, a falta de acervos em algumas instituições públicas e a qualificação de toda equipe pedagógica com cursos de formação continuada específicos para as áreas da linguagem oral e literatura infantil, lembrando que somente de teorias não se constrói uma prática suficientemente sólida, deve haver sempre a práxis em consonância com o desenvolvimento e aprendizagem, onde o educador e a criança falem a mesma “língua”, troquem experiências, vivenciem momentos de descobertas, superações e dinamismo.

Considerações Finais

As pesquisas teóricas realizadas neste trabalho trouxeram informações pertinentes para a prática pedagógica da contação de histórias na Educação Infantil, destacando-se as aprendizagens múltiplas; a socialização; os desenvolvimentos físico, psicológico, oral,

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

artístico e emocional; assim como formação pessoal e social, em que há respeito à infância e à formação integral do sujeito. Ressalta-se o papel do professor mediador em estimular seu aluno a descobrir, a conhecer e a se situar no meio em que vive por meio da experiência, do conhecimento e das habilidades gerais, entretanto, a prática pedagógica sozinha não consegue abarcar todo este processo, deve haver consonância entre qualificação profissional, condições favoráveis de trabalho e políticas públicas de incentivo, incluindo o resgate das tradições orais.

A contação de histórias, ao contrário de muitas percepções equivocadas, não está em desuso, ela está viva e difusa na sociedade, embora seu reconhecimento ainda não tenha alcançado a plenitude almejada de acordo com seu verdadeiro valor. Espera-se com esta produção atingir e envolver novos olhares para este tema tão relevante, subsidiando novas pesquisas e indagações que irão enaltecer e ampliar as reflexões acerca da produção do conhecimento através da contação de histórias.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. *Educare et educare- revista de educação*. São Paulo, v 06, nº12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 18 fev. 2017.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro, 2002.

BOZZANO, Hugo, FRENDA, Perla. O que é arte. In: _____. *Arte em Interação*. Volume Único. São Paulo. IBEP. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches. *A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação*

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. *A influência da contação de histórias na Educação Infantil*.

Infantil. 2016. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-ANA-LUCIA-SANCHES.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2017.

CARVALHO, Mariana Antonia Santiago; JUNIOR, Francisco Vicente de Paula. A transmissão de valores morais em três causos fantásticos de tianguá. *Ensaio Pedagógico*. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET ISSN 2175-1773, Jun. de 2016. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n11/artigo1.pdf>>. Acesso em 27 de mai. 2017.

FONTES, José de Oliveira. *O potencial Didático dos Mitos e das Lendas na Educação História*. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/ingli/Downloads/Relatorio_Final_Mestrado_MEHG_Vitor_Fontes.pdf>. Acesso em 27 de mai. 2017.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler- em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4).

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. E Por Falar em Literatura. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHERMACK, Keila de Quadros. *A contação de histórias como arte performática na era digital: convivência em mundos de encantamento*. 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

Recebido em 27/06/2017

Aprovado em 02/07/2017